



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

MEMÓRIA E IDENTIDADE: A MÚSICA EM VITÓRIA DA CONQUISTA

Priscila Correia de Sousa Carneiro*
(UESB)

Fernando Rodrigues**
(UESB)

INTRODUÇÃO

A memória, como outras categorias de análise, não possui apenas um sentido. Ao falarmos em memória geralmente a associamos às lembranças, passado, esquecimento, e até memórias instantâneas, passageiras, duradouras, e também nos remetemos à sua transmissão através das gerações e do convívio entre os sujeitos, através das trocas no decorrer de suas vidas.

Conforme Medeiros, em conferência⁵⁷:

A memória no âmbito das ciências sociais, é a tensão entre o registro e o seu esquecimento e o seu uso. Isto é, tensão entre registro e esquecimento, a tensão entre o seu registro e seu uso, inclusive interpretação. Registro, encontra-se aqui tanto como registro simplesmente dado na consciência (inclusive percepção mantida de e consciência de) como registro lançado num suporte - como o texto escrito.(MEDEIROS, 2005).

É importante perceber que não podemos pensar a memória como única, de forma estanque, ou simplesmente como acúmulo de informações ao longo do tempo. Faz

* Licenciada em Pedagogia pela UESB e Discente do Curso de Especialização em Educação, Cultura e Memória do Museu Pedagógico/UESB. Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Desenvolvimento. E-mail: cilla_correia@yahoo.com.br.

** Orientador

⁵⁷ Palestra apresentada no V Colóquio do Museu Pedagógico, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, em 08 de Dezembro de 2005.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

necessário ressaltar que a memória ou domínios de memória, está interligadas às relações constituídas entre as pessoas, que perpassam entre o lembrar e o esquecer. Não é somente o individual e o coletivo que está em questão, e sim o somatório dessas experiências, construídas a partir da vivência em sociedade no bojo das relações.

Assim concordamos com Tedesco (2002) ao afirmar que:

A memória é constituída nas relações sociais (grupos de referências e espaços de sociabilidades, como família, escola, grupos de lazer, partidos, associações, etc). Esses campos de significados são campos de representações sociais constituídas através de símbolos, inseridos num universo simbólico acessado através de determinados códigos sociais. (2002, p: 23-24).

Sendo assim, entendendo a memória como fruto dessas relações sociais, passado e presente dialogam, misturam-se e modificam-se os seus sentidos e significados nesta interação. Conforme Bérqson:

“a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BERGSON, apud, BOSI, 1994:46-47).

Os estudiosos acerca da memória identificam três grandes modalidades: as memórias individuais, que só interessam ao cientista social enquanto compartilhadas (caso contrário, serão do campo da psicanálise e da neurologia), quando constituídas como “histórias de vida” e instrumentos para a reconstrução da identidade, da reconstituição de si e de seu lugar em relação ao outro; as memórias coletivas, também denominadas de memórias sociais, entendidas como sistemas organizados de lembranças cujos suportes são os grupos sociais, situados espacial e temporalmente; e



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

as memórias nacionais, em geral identificadas como memórias oficiais, que se caracterizam por serem essencialmente unificadas e integradoras (TEDESCO, 2002:27).

Mas é necessário considerar nas relações inter-pessoais, um dos fatores imprescindíveis para a construção / preservação dessa memória, ou melhor, dessas memórias, visto que por mais individuais que possam parecer, essas lembranças foram compartilhadas, vivenciadas através da coletividade.

Nesta discussão

O diálogo entre as gerações, é meritória e dá garantias às diferenças e à multiplicidade cultural da humanidade. O diálogo entre as culturas trazidas pelas gerações faz parte da humanização, e o processo não pode prescindir da mediação histórica, que oferece o sabor da originalidade e da solidariedade através das virtudes existenciais do passado. Os vínculos com o passado podem se constituir na solidariedade, por oferecerem ideais de identificação de uma comunidade para os sujeitos nela inseridos. (TEDESCO, 2002:89).

Ainda conforme Tedesco, no que se refere à memória para a construção da identidade:

Torna-se, assim, mais visível a necessidade da memória para a construção da identidade, pois não é o físico ou territorial que permite a existência do grupo, e, sim a dimensão do pertencimento social, criado por laços afetivos que mantêm a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradoras de uma memória social (TEDESCO, 2002:88).

Diante do exposto e em virtude dos estudos realizados na monografia Educação e Memória: Auto da Catingueira de Elomar Figueira Mello, elaborada para conclusão do curso de Pedagogia, despertou em mim o desejo em prosseguir a pesquisa e ampliar o olhar acerca de questões que ficaram implícitas ou que, até mesmo, não foram citadas no referido trabalho. Após essa primeira aproximação com o tema, a intenção era analisar “A Identidade e a Memória, utilizando-se das obras de Elomar Figueira Mello”, mas a



partir da reaproximação com o tema e com a realização de novas leituras, surgiu a necessidade de entender outras questões que objetiva-se com esta pesquisa entender como se deu o processo de formação da música em Vitória da Conquista, onde percebemos que muitas vezes têm-se em Elomar Figueira Mello, a figura mais emblemática.

Assim, alguns questionamentos me inquietam no momento: Que música é essa? Quais são as condições de produção-reprodução-circulação e consumo desta música? Quais são os agentes culturais que estabelecem esse circuito de músicos e lugares em Vitória da Conquista? Quais são as instituições que colocam em destaque essa música de cunho mais erudito e clássico? Quem são as pessoas que hoje fazem parte das instâncias políticas que colocam a música em papel de destaque, se comparado a outras expressões artísticas, como por exemplo o teatro?

Partindo dessas indagações, e da existência de uma rede de relações, que, “não é um dado natural nem mesmo um ‘dado social’, constituído de uma vez por todas e para sempre por um ato social de instituição (representando, no caso do grupo familiar, pela definição genealógica das relações de parentesco que é característica de uma formação social), mas o produto do trabalho de instauração e de manutenção que é necessário para produzir e reproduzir relações duráveis e úteis, aptas a proporcionar lucros materiais ou simbólicos”. (NOGUEIRA, e CATANI, 1998:68).

Vale ressaltar que para isso é necessário, traçar um roteiro que possa reconstituir ou evidenciar as redes de relações que são responsáveis por essa constituição, tomando como ponto de partida o pensamento de Elias (1994), quando afirma que:

Desde que permaneçamos dentro do âmbito da experiência, contudo, somos obrigados a reconhecer que o ser humano singular é gerado e partejado por outros seres humanos. Quaisquer que tenham sido os ancestrais da humanidade, o que vemos, até onde nos é possível divisar no passado, é uma cadeia ininterrupta de pais e filhos, os quais por sua vez, se tornam pais. E não se pode entender como e por que os indivíduos



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

se ligam numa unidade maior, uns através dos outros e com os outros, quando se oculta de si mesmo essa percepção. Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. (ELIAS, 1994:26-27).

Tendo o cuidado de não tomar como verdades absolutas o olhar dos sujeitos envolvidos nesse processo, pois muitas vezes o olhar do outro está carregado das suas incorporações simbólicas, carregadas também de uma visão cujo foco central fica em apenas um indivíduo ou grupo social, como nos chama atenção Ortiz (2001):

As histórias de vida muitas vezes fetichizam a força do “eu”, como se o indivíduo fosse de fato o demiurgo dos acontecimentos que o circundam. Por exemplo, o ego está sempre vinculado a atividades consideradas como pioneiras, num esforço de valorizar e diferenciar aquele que realiza determinada ação ou empreendimento. (p.78).

Portanto, para entender esse processo e perceber melhor o objeto de análise, nossa intenção é utilizar fontes variadas: desde depoimentos orais, a análise de jornais, revistas e outros documentos, que retratem sobre a música em Vitória da Conquista, como também a recorreremos à teoria, utilizando-se das conceituações de autores como Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Maurice Halbwachs, Raymond Williams, João Carlos Tedesco, entre outros autores que podem dar suporte para o andamento desta proposta de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 33ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (coleção primeiros passos: 203).



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Capítulo I [“Memória- Sonho e Memória- Trabalho”]pág 43-68.

CARNEIRO, Priscila Correia de Sousa. Educação e Memória: Auto da Catingueira de Elomar Figueira Mello. Monografia de final de Curso. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2006.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Organizado por Michael Schroter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araujo. Memória e Cultura- Denúncia da Memória. A Questão da Cultura Escolar. Palestra Apresentada no V Colóquio do Museu Pedagógico na Universidade do Sudoeste da Bahia-UESB, Vitória da Conquista, Ba, 08 de dezembro de 2005.

NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (organizadores). Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. São Paulo: Brasiliense, 2001.

TEDESCO, João Carlos (org.). Usos de memórias. Passo Fundo: UPF, 2002.